



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES • DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE BR
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-3 • COIMBRA • TELEF.

CRISTO RESSUSCITOU ASSIM VAI A NOSSA ALELUIA! ASSISTÊNCIA

Cada ano ressoa, na liturgia, a mensagem de vitória: — O Senhor ressuscitou verdadeiramente. Aleluia!

Esta a nossa alegria, a nossa alegria cristã, após os mistérios dolorosos do tríduo sagrado.

Esta a nossa fé, a fé dos cristãos, desde aquele tempo e desde aquele terceiro dia.

Esta a nossa esperança, vindo na Ressurreição do Senhor o penhor e a certeza da nossa, no novíssimo dia.

A Páscoa da Ressurreição é o dia por excelência na história da salvação e na liturgia do povo de Deus.

— O Senhor ressuscitou verdadeiramente. Aleluia!

Após as sombras da morte e do sepulcro, amanhece em claridade o terceiro dia prometido. A claridade matinal da Ressurreição ilumina-o.

Cumpriu-se a promessa aos discípulos e até aos inimigos: chegada a hora, Cristo glorioso sai do túmulo para não mais morrer e para regressar, em corpo e alma, ao seio do Pai, cumprida a sua missão na terra.

A liturgia canta: — Aleluia!

Na roda-viva do ano litúrgico, o Aleluia, louvor dos louvores, é o eco do júbilo dos que viram o Senhor saído do sepulcro.

Na hora do poder de Deus, nada puderam os inimigos e os guardas rigorosos mostraram-se incapazes de conter no túmulo o autor da Vida e vencedor da Morte.

Estava consumada a obra da Redenção, e selada com o sangue do cordeiro de Deus imaculado a Nova Aliança.

Neste domingo, contemplamos finalmente Cristo glorioso, a confirmar a nossa fé.

Com as palavras anotadas no Evangelho de S. Lucas — «ressuscitou o Senhor» — a liturgia revive o acontecimento daquele domingo de Páscoa e a alegria sempre renovada e actual desse dia de conquências perenes.

Era a nova Páscoa: a nova imolação do Cordeiro; a libertação do povo de Deus; a passagem da morte à vida.

Cristo, na verdade, é a nossa Páscoa, como escreve S. Paulo. E a sua Ressurreição, facto central na história, anima dia a dia a comunidade cristã. A festa da Páscoa cristã, a nova Páscoa, é a grande solenidade da liturgia, que dela vive, a proclama, perpetua, repete e renova.

Sim, porque na liturgia como na vida do povo de Deus, todos os mistérios se repetem: os gozosos, os dolorosos e os gloriosos. A cada instante Cristo nasce, sofre, morre e ressuscita.

Naquele tempo, às horas da Paixão sucedeu, como estava prometido, a hora da glória.

(Continua na página quatro)

UM PEDIDO

A todos os nossos presados assinantes que «andam esquecidos» pedimos que nos mandem sem demora as amendoas da Páscoa, pois sem «as notas» nem a música toca, nem a Páscoa é alegre, nem os passarinhos cantam, nem as máquinas rodam.

Não esqueçam que a vida do jornal está na vossa carteira... e isto não é brincadeira.

Como quem não quer a coisa, os dias, no desenrolar do tempo, vão passando e tão silenciosamente deslisam, que, quase sem dar por isso, chegamos ao fim do mês e ao fim do ano.

No dia do Bom Pastor, a 25 de Abril, mais um ano se vai juntar aos 18 do ano passado. Completam-se portanto 19 anos de vida. De vida sim.

O Centro de Assistência é na verdade um centro de acção social.

Que o digam as mães das crianças de poucos meses de idade que as vão entregar na Creche e ali passam o dia todo; que o digam as mães das crianças do Jardim da Infância, onde já vão aprendendo as primeiras letras e trabalhos e jogos, entregues aos cuidados de uma educadora da infância; que o digam as mães das crianças do Patronato onde aprendem bordados e costura; que o digam as mães das crianças das escolas que ao meio dia vão tomar a refeição abundante e quentes, todos os dias, durante o ano escolar; que o digam as mães das crianças que

teem tido o privilégio dos ricos, de irem um mês para a Praia de Mira; que o digam tantas mães de crianças que teem tido o benefício de remédios e consultas de graça.

Aqui há tempos, veio de Lisboa um senhor doutor, médico visitador de obras de assistência.

Percorreu todas as instalações, viu com os seus olhos o que se fazia às crianças, como eram tratadas e alimentadas e depois saiu-se com esta: Felecito-o pela obra que aqui tem. Tenho encontrado, noutras obras de assistência, mais luxo e mais coisas modernas, mas tão completa como esta não é fácil encontrar.

Ele, o tal senhor doutor, referia-se à acção do Posto Médico, à constante vigilância e assistência clínica às crianças.

Creches e casas de crianças há muitas, por esse Portugal além; mas com Posto Médico privativo para cuidar das crianças há-de haver poucas. Assim o afirmou quem sabia o que dizia.

Demos graças a Deus, pois é sinal de que estamos no bom caminho.

A vida do Centro de Assistência é como os rosários, feita de mistérios gozosos e dolorosos: gozosos enquanto se espalha saúde, vida e alegria às crianças que nos rodeiam; dolorosos, quando nos preocupa a manutenção da obra, quando há contas a pagar, quando no fim do mês é preciso pagar ao pessoal, quando há noites mal dormidas para trazer as contas em dia.

Demos graças a Deus que ainda não nos faltou com a sua protecção.

A vida do Centro de Assistência é um autêntico milagre da bondade e do amor do Coração de Jesus.

Como temos tempo de descansar depois de morrer, vamos continuar a trabalhar enquanto a vida dura, pois só assim é que vale a pena viver.

Nesta data festiva — 19 anos de vida — para todos os nossos amigos e generosos benfeitores vão os nossos sinceros agradecimentos e ao Coração de Jesus pedimos suas bênçãos para proseguirmos o caminho começado para bem das nossas criancinhas.

PORQUE SE FAZ A FESTA CÁ EM BAIXO?

É ponto assente que a Nossa Senhora das Preces apareceu no monte do Colcurinho e tem-se como tradição que foi em 1371, assim o confirmam alguns documentos embora não sejam daquele tempo.

No local onde a Senhora apareceu construíram-lhe uma pequena capela que se deve ter conservado algum tempo.

Mas como ali não era fácil ir nos meses de inverno (tal como agora com os montes cheios de neve); como os temporais ali são de respeito, nem a chuva nem os ventos permitiam construções sólidas, fizeram

na encosta da mesma serra uma outra capela, onde o povo pudessem ir com mais facilidade e para esta capela trouxeram a imagem da Senhora das Preces.

Por isso a imagem da Senhora das Preces que ainda hoje está no Santuário de Vale de Maceira é a mesma que esteve na primitiva capela no Colcurinho.

Quando se fez a transferência cá para baixo?

De positivo nada se sabe, isto é, não há datas que nos possam elucidar.

A casa do púlpito tem a data de 1662. A primitiva capela feita em Vale de Maceira devia

ter sido feita talvez antes do século 17. Nessa altura o Vale de Maceira tinha apenas 5 moradores.

Com a transferência da Senhora das Preces, do Colcurinho para o Vale de Maceira, cresceu a devoção por tão milagrosa Senhora, a afluência deromeiros era cada vez maior e as esmolas oferecidas eram abundantes, como o provam tantas construções que ainda hoje existem.

A primeira capela depressa se tornou pequena. Parte foi depois demolida para dar lugar à actual. Pelo estudo feito às

(Continua na página 4)

Aldeia das Dez



TOCAR A REUNIR

AMIGOS E DONATIVOS
PARA A COMPRA DE UM
RELÓGIO PARA A TORRE DA
IGREJA.

AMIGOS

O som clamoroso do nosso clarim já chegou a muito longe, e muitos dos que o escutaram, por certo, ao peito a carteira apertaram...

Mas também já vão chegando boas notícias, de perto e de longe, a dizer *conte comigo*.

Pois contamos sim Senhores. Contamos com todos os bairris-

tas, com todos os que amam o progresso da sua terra, contamos com todos aqueles que desejam ver engrandecida a sua terra natal.

Mas queria dizer a todos quantos estas linhas lerem, que a hora não é de esperas, porque o tempo passa de pressa e a festa de S. Bartolomeu já não vem longe e nós queríamos inaugurar-lo nessa altura.

Portanto, em vez de conte comigo, era melhor dizer TOME LÁ.

De Braga já mandaram catálogos e preços e de Almada da mesma maneira.

É só escolher, mandar vir e pagar.

Qualquer dia aparecem cá os interessados em vender e nós só poderemos estar interessados em comprar, depois de ter com que pagar.

Por isso, pedimos a todos os amigos, a todos os filhos de Aldeia das Dez maravilhas, que não demorem a sua generosa oferta.

Em Lisboa podem entregar ao amigo, sr. Alfredo de Jesus Hall, ou ao Sr. Serafim Mendes da Costa nas suas viagens a Lisboa. Ou então podem mandar para cá, em carta registada,

ou em vale do correio ou em cheque.

Hoje temos a registar os seguintes donativos:

Recebemos do sr. José Augusto Lourenço, residente em Lisboa, 100\$00; do sr. João Lourenço Mendes, residente em Vila Franca de Xira, 250\$00; o sr. Manuel Moreira, residente na América e que há dias veio visitar a família, entregou-nos *mil escudos*. Os nossos agradecimentos.

Falecimentos — No dia 7 de Março, no lugar de Aldeia das Dez, faleceu o sr. José Dias Correia, de 76 anos de idade, casado com a sr.^a Cristina da Encarnação.

Na *Covilhã*, no dia 21 de Março, faleceu repentinamente o sr. Arlindo de Oliveira Dias, de 56 anos de idade, natural de Aldeia das Dez, casado com a sr.^a Carmina Dinis d'Oliveira.

Em *Lisboa*, no dia 22 de Março faleceu o sr. António dos Santos Dinis, mais conhecido por António do Albano.

Tinha 77 anos de idade e era casado com a sr.^a Maria dos Santos.

A todas as famílias sentidos pêsames.

Assinaturas pagas no mês de Março

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

Armando Formigo Figueiredo, Aldeia das Dez.

Carlos Guilherme, Parente. Serafim Moreira, Chão Sobral.

Armando Mendes Correia, Vale de Maceira.

D. Belmira de Jesus Miguel, Pomares

Joaquim Ribeiro, Pomares.

D. Maria da Piedade Castanheira, Foz da Moura.

José Domingues Nunes, Alvoco de Várzeas.

Hortêncio Alves Luís, Porto de Mós.

Manuel Pimenta da Silva, Celorico da Beira.

José Lourenço Mendes, Parente.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Henrique dos Santos, Lisboa. Ernesto Lourenço Fernandes, Goulinho.

D. Celeste de Jesus Carvalho, Pomares.

Jaime Garcia Rodrigues, Oliveira do Hospital.

D. Natividade Marques, S. Sebastião da Feira.

Serafim Mendes da Costa, Aldeia das Dez.

Luciano Fontes, Parente.

Benjamim da Cruz Gouveia, Alvoco de Várzeas.

José Ramiro Moreira, Chão Sobral.

António Cândido, Cide-Vide. Prof. Jerónimo Sanches Pinto, Avô.

José Morais Dias da Cruz, Alvoco de Várzeas.

António Loureiro, Santa Ovaia.

José Manuel Dias Gonçalves, Parede.

D. Maria Joaquina da Cruz Rosa, Lisboa.

D. Margarida da Conceição Costa Fonseca, Ponte das Três Entradas.

José Augusto Rodrigues, Carvalho.

António Silva Marques, Santa Ovaia.

José Ribeiro, Coimbra.

Com 25\$00 António Mendes Formigo, Moçambique

Armando Freire da Cruz, Lisboa 6.

Com 40\$00 o sr. José da Silva Fonseca, S. Sebastião da Feira.

Com 50\$00 o sr. Aníbal Dinis, Pomares.

D. Jesuína Nunes de Brito, Porto.

António Duarte, Lisboa.

D. Maria do Carmo de Jesus Carlos Henriques, Lisboa.

D. Maria Judite Simões Santos, Lisboa.

Com 60\$00 pagou a sr.^a Dona Maria da Glória Nogueira, Sargaçosa.

Com 100\$00 pagaram os Senhores:

Abílio Nunes Barroja, Lisboa. Manuel Nunes Tavares de Sousa, Coimbra.

João Gonçalves Matoso, Brasil.

José Gonçalves Matoso, Brasil. Manuel dos Santos Carvalho, Cadima-Pontes.

Com 140\$00 pagou o Senhor Albano Nunes Barroja, Lisboa.

A todos os nossos agradecimentos.

«Voz do Santuário»

CONDIÇÕES DE ASSINATURA POR ANO

Simple assinantes . . .	15\$00
Assinantes benfeitores .	20\$00
Prov. Ultramarinas . . .	25\$00
Para o estrangeiro . . .	40\$00
Por avião	60\$00

Alvoco de Várzeas

Casamento — No dia 27 de Fevereiro, consorciaram-se nesta igreja, Luís Pereira dos Santos, filho de José dos Santos Augusto e de Maria Altina de Jesus, do Rio de Mel (S. Gião) com Maria da Conceição Dias Guilherme, filha de Carlos Guilherme e de Maria José Dias de Gouveia, do Parente, desta freguesia.

Foram padrinhos dele, Júlio Lopes Rodrigues e Rosalina de Jesus Rodrigues, e dela, Acácio Marques Mendes e Matilde da Conceição Guilherme.

Falecimentos — No dia 5 de Janeiro, Augusto Teixeira, viúvo de Maria Rita, com 67 anos.

No dia 17 de Janeiro, Rosa Nunes da Silva, viúva de Manuel Loureiro de Figueiredo, com 89 anos.

No dia 4 de Março, João Ferreira Martins, casado com Idalina Mendes, de 67 anos. A todos os que se associaram na sua dor, a família agradece reconhecida.

No dia 19 de Março, Graciano Moreira Correia, casado com Maria da Assunção Gouveia, de 81 anos.

Obras da Igreja — O soalho e as paredes internas encontram-se em mísero estado, em especial o primeiro. Ora com a boa von-

tade de todos, como muitos já o tem demonstrado, poderíamos conseguir alguma coisa e, se não pretendemos luxos, pelo menos poderíamos tornar habitável a casa do Senhor onde nós renascemos pelo Baptismo. Ao mandarem as vossas ofertas, podem dirigi-las para o pároco da freguesia que logo que possa dará notícia neste jornal. Portanto não se esqueça de contribuir para esta segunda fase da obra.

A propósito da primeira, nós em breve, publicaremos o resto dos donativos, esperando que nesta segunda fase, tudo se processe com maior brevidade.

S. Sebastião da Feira

Casamento — No dia 31 de Janeiro, Laurindo de Sousa Pereira, filho de António Pereira da Silva e de Eugénia da Conceição, com Almerinda Afonso da Fonseca, filha de Manuel da Fonseca, falecido, e de Maria Ermelinda. Foram padrinhos dele, António Pereira de Sousa e Maria Fernanda Afonso, e dela, Acácio Alves e Almerinda da Conceição Afonso.

A SENHORA DAS PRECES

Versos antigos dedicados à Senhora das Preces celebrando, em verso, o aparecimento de Nossa Senhora, no Colcurinho, o seu valimento e sua transferência para o Vale de Maceira.

Maria aquela Virgem Santa nas montanhas se fez aparecer, porque em toda a parte do mundo de graças seus filhos quer encher.

Lá no cabeço do Colcurinho onde os ventos são esgremidores ali a Providência leva os rudes e humildes pastores.

Alto cabeço do Colcurinho grande é teu merecimento, pois és escolhido por Maria para seu aparecimento.

Monte frio e nevoso, tu és todo o nosso bem. Tu és a primeira habitação de Maria nossa terna Mãe.

Virgem Santa e Imaculada que ditoso eu não seria se alcançasse o vosso amparo na minha última hora e dia.

Chovem graças e bençãos aos rogos de Maria os pecadores se convertem em todas as horas do dia.

Não há enfermidade alguma, por mais que seja perigosa, que enterpondo-se Maria não haja uma pronta melhora.

Os milagres são contínuos nós os cantamos com alegria Os doentes o experimentam fazendo súplicas a Maria

Naquele alto Colcurinho o vosso culto não era durável, o rigor dos tempos destruía o vosso templo tão amável

Sem desamparar o Colcurinho Desceste ao Vale de Maceira e aí dais aos vossos filhos uma protecção verdadeira.

Eu te respeito Vale de Maceira tu mereces toda a veneração, Pois a Virgem do Colcurinho te escolheu para habitação

A visitar a Virgem das Preces corre o mundo inteiro, tomando por sua protectora a Mãe de Deus verdadeiro.

Eu espero Virgem das Preces no céu vossa vista gozar Pois pela vossa protecção minha alma se há-de salvar.

RESSUSCITADOS COM CRISTO

A palavra *Páscoa* quer dizer «passagem».

A missão de JESUS entre nós, cá na Terra, podemos resumi-la nesta expressão: a Sua Páscoa! De facto, o VERBO DE DEUS veio até nós para reunir os homens e levá-los até ao PAI, vencendo o pecado que os separava uns dos outros e os manha separados d'ELE. JESUS «passou» deste mundo ao PAI, a fim de possibilitar a todos os homens a sua «passagem» a DEUS. É a isto que chamamos a realização da Salvação.

Em cada ano a Igreja nos convida a revivermos, em «evocação» e «renovada realização», pessoal e comunitária, esta grande realidade: nós fomos salvos em CRISTO, nós somos ressuscitados com CRISTO.

O tempo litúrgico da Páscoa pretende levar-nos: primeiro, a saber reencontrar, através da vida dos homens, os «sinais» da passagem de DEUS...; segundo, a procurar descobrir, na nossa vida de baptizados, o dinamismo desta passagem a DEUS, que havemos de realizar em Cristo e ATRAVÉS de Cristo — Ele que, Pastor do rebanho, deu a Sua vida para que «a tenhamos em abundância», na glória da nossa própria ressurreição, de que a Sua é, para nós, sinal e penhor.

Estamos «a caminho» da Páscoa — não só da festa que comemora a Ressurreição do SENHOR, mas também da sua realização plena, para nós, na Glória. É neste sentido que dizemos que toda a vida cristã é um «peregrinar» para DEUS.

Nesta «caminhada» que encetámos no Baptismo, há algo que nos dinamiza e orienta: é a Palavra de Deus, essa «semente divina» que, de um modo especial ao longo de toda a QUARESMA o SENHOR foi depositando no sulco profundo do nosso interior, para que germine e dê bom fruto.

(Cabem aqui «duas perguntas:

1.ª — Como vivemos este tempo da Quaresma: A sério? A valer? Pelo caminho da «conversão» interior? Na Caridade? Pela renúncia?

2.ª — Como ajudámos a vivê-la aos outros — mormente àqueles que temos por missão «educar na Fé» — os filhos, em casa... as crianças, nas catequeses paroquiais... os alunos, nas escolas?..)

Nós cremos em JESUS CRISTO ressuscitado; nós cremos que somos, com Ele, ressuscitados. A notícia da Ressurreição do Senhor, não obstante tê-la ELE anunciado, de tal modo surgiu extraordinária, ultrapassando tu-

do quanto eles esperavam... que os Apóstolos não queriam crer... Mas JESUS, ressuscitado, leva-os a curvar-se perante a realidade, por mais espantosa que lhes parecesse. É o apóstolo S. Tomé, o incrédulo, prostra-se e proclama: «Meu Senhor e meu DEUS!»

A vinte séculos do grande ACONTECIMENTO, muitos há ainda que duvidam... E, entre os cristãos, muitos que se ficam na simples «recordação» de um facto passado... No entanto, nós bem sabemos as implicações deste FACTO nas nossas vidas, à luz da palavra de S. Paulo (Col. 3, 1 e segs.): «Se, pois, ressuscitastes com CRISTO, buscai as coisas lá do alto. (...) Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra. Porque estais mortos, e a vossa vida está escondida com CRISTO em Deus».

Quer dizer: o cristão deve renunciar ao «homem-velho», feito de malícia, carregado com os frutos do pecado (a cólera... a vingança... a maledicência... a animosidade..., etc.) e revestir-se do «homem-novo», criado à imagem de CRISTO, vivendo a justiça e a santidade, revestido com os frutos da graça (a alegria... a paciência... a longanimidade... etc.).

Aqui temos um Programa de Vida Cristã para uma autêntica vivência da PÁScoa, em que, com a santa mãe, a Igreja, cantamos em uníssono o «Aleluia» da nossa libertação, que é prelúdio da nossa glorificação com Cristo, na Pátria!

JAIME CUNHA

À MEMÓRIA DE JOSÉ LOURENÇO

Eu tenho no meu arquivo Guardadas numa carteira, Recordações de um amigo De S. Vicente da Beira.

Não era dali natural, Era mais d'opé d'arraia A sua terra natal, Era a Póvoa D'atalaia

Pelo destino a deixou, Deus assim lho permitiu Mas toda a vida se lembrou, De quando dali saiu.

Deixou lá o seu sentido Foi seu Pai e sua Mãe, Deixou lá o maior amigo Que no mundo lhe queria [bem

Tudo a morte lhe roubou Tudo isso lá perdeu, Mas enquanto no mundo andou Nunca mais deles se esqueceu.

A terra que ele mais amava, Era a vila de São Vicente Mas nunca o ocultava, Mostrava-o a toda a gente

Levou bem longe o seu nome E a sua nomeada, E o nome do Santo Cristo E da Sª da Orada.

E o nome do seu concelho, Por ter sido cancelado Pensou sempre ainda vê-lo Depois de ser restaurado.

Mas a morte traiçoeira Apareceu mas esperada, E de S. Vicente da Beira Já não torna a ver mais nada

Deus queira que a sua sorte Lhe trouxesse! eu penso [assim Dando'lhe a si a mesma [sorte Que eu desejo para mim.

Relva Velha, 19-3-971

ANTÓNIO G. MATIAS

Recebemos para as crianças

De João Lourenço Mendes, de Vila Franca de Xira, 250\$00; de José Nunes Mendes, de Aldeia das Dez 100\$00; de um amigo de Coimbra, 100\$00; do Sr. António Maria, de Lisboa, 25\$00; do Sr. José Tavares de Sousa Júnior, Porto de Mós, 60\$00; de várias pessoas amigas das crianças 340\$00.

Do Instituto de Assistência aos Menores recebemos vários materiais didácticos destinados ao Jardim da Infância.

Também do mesmo Instituto de Assistência aos Menores recebemos três remessas de leite em pó que é fornecido pela fábrica Martins e Rebelo de Vale de Câmbra.

Dizem Velhos Manuscritos

VII

GENEALOGIAS DA MINHA TERRA

2.º

A FAMÍLIA HALL

A) *Guilherme António Hall*

Aí pelo ano de 1784, na freguesia de S. Patrício da pequena cidade irlandesa de Lisburn, nasceu uma criança do sexo masculino a quem deram o nome de William Antony e que, mais tarde, havia de adoptar, para apelido, o apelido Hall de sua família.

E, sobre o berço do pequeno infante, quantas vezes seus pais, John Hall e Mery Paul Hall, olhando eternecidamente aquele rosto querido, se não teriam interrogado mudamente sobre o que viria a ser, no futuro, o seu filho e quais e quantas vicissitudes e alegrias o destino lhe reservaria?!...

Do que nunca se teriam lembrado certamente é que, na mais arriscada e perigosa aventura da sua vida, ele viesse a encontrar, talvez, a sua maior ventura!

Mas, não antecipemos a narração de factos que dizem respeito ao nosso William e, antes de o fazer, vamos recordar, embora muito sumariamente, um pouco da nossa história nos calamitosos anos que vão de 1810 a 1814.

Em 24 de Julho de 1810, o exército francês, pela terceira vez em três anos, pisa terra portuguesa, afim de levar a efeito a sua conquista, já que das duas primeiras a não tinha conseguido.

Este exército era, desta vez, comandado por Massena, o príncipe de Eseing, o «filho querido da vitória» como o haviam denominado.

Depois de ter vencido a tenaz resistência que encontrou em Ciudad Rodrigo e Almeida, em 16 de Setembro seguinte pôde finalmente, continuar a sua marcha para Sul em direcção a Lisboa, seu objectivo principal.

Em 27, enfrentava a posição do Bussaco, defendida pelo exército anglo-luso, tentando abrir caminho para Coimbra, onde só entrou em 29, depois de ter torneado a posição por Boialvo.

Nos fins de Outubro, o exército francês estava detido nas chamadas «Linhas de Torres» defendidas por 110.000 homens, ingleses e portugueses, principalmente, decididos todos a não permitir que o inimigo desse um passo mais, que fosse, a caminho de Lisboa.

Depois de reiterados esforços, Massena, reconhecendo a inexpugnabilidade das posições com as fracas e indisciplinadas tropas de que, então, dispunha, decidiu retirar, o que começou a fazer em 4 de Março de 1811.

O exército anglo-luso era comandado pelo glorioso Sir Artur Wellesley, duque de Wellington, aquele heróico general que na tarde de 12 de Maio de 1809 tinha libertado a cidade do Porto da opressão de Soult e comera, ali mesmo, após a vitória, o jantar que era destinado ao referido marcehal francês.

Ora, vendo Wellington o inimigo em franca retirada, em 6 do referido mês de Março, com uma boa parte das suas forças, seguiu-o em sua perseguição.

Em 12, a guarda da retaguarda francesa detinha as forças aliadas na Redinha, em 13, em Condeixa, em 14 no Casal Novo, em 15 em Foz d'Arouce e, em 16, na Ponte da Mucela, onde não pôde resistir mais do que algumas horas.

Uma vez perdida a linha do Alva, última esperança de Massena, o exército francês continuou a sua retirada em direcção a Almeida.

Em 17 os seus primeiros elementos atingiam Vendas de Galizes e em 18 e 19 por lá passavam também os restantes.

A nossa guarda avançada só pôde atingir aquela povoação, provavelmente em 20 ou 21.

Não veio ela a tempo de evitar que os franceses cometessem algumas das costumadas devastações e assassinatos na população indefesa que não tinha querido sair das suas terras; contudo, a sua chegada fez que essas barbaridades não fossem muito longe.

Assim, diz-nos o registo de óbitos que em Avô, em 18 mataram Tomás, filho de José Marques Agostinho, de Avô e Águeda Marques Dias, de Aldeia das Dez e António, filho de José Gonçalves, também de Avô; e acrescenta o mesmo registo: que em 10 de Janeiro de 1812, morreu José Madeira Leal, em virtude de ferimentos que, em 17 de Março de 1811, lhe tinham sido feitos em Galizes pelos franceses.

(Continua no próximo número)

ANEDOTAS

Margarida, seguindo o conselho de uma amiga, procurou uma célebre cartomante:

— Que te profetizou ela? — perguntou a amiga.

— Nada. Eu nem sequer cheguei a entrar...

— Mas como foi isso?

— Ora... Eu bati à porta e a mulher que adivinha tudo perguntou: «Quem é?»...

Contava Ramada Curto que, no dia seguinte a estreia de O caso do Dia, no Ginásio, mandara comprar todos os jornais para ler as notícias. Não havia uma nota discordante: a peça agradara em cheio. Pois bem. Quando o festejado autor, no seu escritório, saboreava o triunfo, entrara uma antiga criada da casa para lhe dar um recado.

— Vês todos estes jornais? — perguntara-lhe o patrão. — Todos eles dizem que eu tenho talento. Que te parece, Maria?

Imediatamente a criada: — Deixe-os dizer, sr. dr. Não faça caso. São intrigas da política...

QUINTA-FEIRA SANTA

Na quinta feira santa de há vinte séculos Jesus creava o Sacramento que devia perpetuá-lo na terra: Memorial das suas maravilhas. E estas maravilhas são a sua vida, a sua paixão, a sua morte, a sua ressurreição. Tudo isso é a SS. Eucaristia, ao mesmo tempo penhor da nossa glória futura! É de toda a justiça, pois, que neste dia tão cheio de recordações, meditemos os mistérios de Jesus através do Sacramento que o renova e perpetua.

I — ADORAÇÃO

Pela instituição da SS. Eucaristia Jesus faz-se nosso Companheiro inseparável: mais amável ainda do que no mistério do seu nascimento, porque aqui é mais acessível ao nosso amor! O facto que, incontestavelmente, domina o mundo moral e dá ao homem e à sociedade o carácter de verdadeira nobreza, é a sociedade do homem com Deus. Unido a Ele o homem galga os degraus do trono donde domina o mundo material. Deste laço decorre a necessidade da presença de Deus no meio da sociedade e na alma do homem. Desde a origem das coisas, o mundo visível é o veículo da ascensão do homem sem revelação até à Divindade criadora e providencial. Com o homem da revelação primitiva é o próprio eterno que entra em contacto directo numa intimidade surpreendente. São, entretanto, laços insuficientes porque falta a intimidade que gera o amor no coração do homem. Para tanto, é indispensável que o próprio Deus, reduzindo as distâncias, se aproxime mais do homem velando, entretanto, para não aniquilá-lo com o resplendor da sua glória. A Encarnação. Aqui Deus é acessível e amável. Não para todos, porém, porque a lei da natureza limita esta presença ao tempo e ao lugar. E os homens

estão espalhados por toda a parte no mundo; sucedem-se no decorrer dos séculos. E é Deus o Deus-Homem que deve encontrar o segredo de estar em toda a parte, perto de todos os filhos... deixando transparecer o amor, a fim de conquistar o coração da criatura. A SS. Eucaristia será a maravilha da vida de Deus feito homem vivendo entre os homens para satisfazer tantas exigências. Maravilha da poderosa Sabedoria do Amor Divino! É o primeiro aspecto do mistério da Quinta-feira santa. Deus feito nosso companheiro, amigo, igual, acessível, amável, pequeno como um de nós. Dizia o Salmista: «Grande é o Senhor, e digno de todo o louvor». Nós dizemos: «Pequeno é o Senhor e digno de todo o amor».

II — ACÇÃO DE GRAÇAS

Na Ceia da Quinta feira Santa pela instituição da SS. Eucaristia, Jesus torna-se nosso alimento; nosso: porque juntamente com a Eucaristia Ele Cria o Sacerdócio da Nova Lei, destinado a preparar e distribuir a comida divina. A Ceia é o segundo dos grandes acontecimentos da vida de Jesus, aquele que seu Coração desejara com tanto ardor e preparara com tanto carinho. A comemoração da Ceia não pode limitar-se ao mistério da Criação Eucarística, mas deve necessariamente estender-se ao milagre do Poder que, único no mundo, nos conserva a presença real de Jesus, Sacramento da nossa Comunhão. O sacerdote ensina a verdade, alimento da inteligência; fala dos milagres do amor de Deus, alimento do coração: aplica aos homens os merecimentos do Filho de Deus; sobretudo nos santifica, consagrando o Pão Eucarístico e distribuindo-o a todos com fartura... pois, todos precisamos do Pão da Vida, e o pão é o

alimento de cada dia. Os Apóstolos, em primeiro lugar, e depois os sacerdotes, receberam o privilégio, do direito, e o dever de consagrar; isto é, de oferecer a Deus o sacrifício da Vítima Divina e distribuir aos irmãos o Corpo imolado na Hóstia Santa. Admirável Caridade do Coração de Jesus que confia este terrível e suave mistério aos homens e não aos Anjos... Na Lei antiga os Anjos eram os ministros de Deus nas suas comunicações com o homem servindo-se da intervenção do Arcanjo na Encarnação... Na Nova Lei; serão os ministros do Altíssimo mais imperfeitos. Não serão os Serafins os escolhidos para revelar a divina Palavra, conceder o perdão, tratar do Corpo e do Sangue do Filho de Deus? Não! A SS. Eucaristia é o Sacramento do amor... e o amor é cego, diz S. Bernardo. Os Anjos não tem a experiência da nossa fraqueza, sua pureza estaria em contraste com a nossa miséria e ninguém teria a coragem de chegar à mesa do Salvador preparada para os fracos e os miseráveis, contritos, porém, das faltas passadas. O olhar penetrante do Anjo afastaria da Mesa o sacrilego... mas Jesus deixa-se profanar pelo sacrilego a fim de que o pobre chegue até ao pão da força e da vida. O sacerdote, terá compaixão do irmão, a exemplo do Mestre que representa e que ele faz nascer e viver nas almas. Assim cada dia todos os membros da grande família de Jesus, Sacerdotes e fiéis encontram no altar da Igreja o Pão da Vida. O amor de Jesus não conhece obstáculos... Só se detem diante do impossível... e este impossível é a nossa recusa à sua Vida...

III — REPARAÇÃO

Escreve o Apóstolo: «Na memorável noite em que Jesus foi traído sentado à mesa com os discípulos, tomou o Pão e o Vinho, benzeu-os e distribuiu-os entre os apóstolos dizendo: Tomai e comei: isto é o Meu Corpo que será entregue; Tomai e bebei, isto é o meu Sangue que será derramado para o perdão dos pecados. Fazei isto em minha memória». O Sacrifício Eucarístico estava instituído para todo o sempre. Desde aquela noite, a Hóstia da Propiciação e o Cálice da Reparação foram e são levantados para o Céu em todos os recantos da terra; desde aquele momento nenhuma abelha se atira sobre o cálice das flores para libar-lhe o mel com tanta avidez, como o coração Divino se volta para as nossas almas afim de perdoar. Porque a Missa é a Voz de

Jesus mais poderosa do que a voz de Abel implorando perdão; a Missa é o memorial e a renovação do Sacrifício salvífico da Cruz! Naquele primeiro e único Sacrifício digno do Deus ofendido e largamente suficiente ao homem pecador, já nós também estávamos pedindo a Pilatos a morte de Jesus gritando o nosso: «Crucifixo!» Os nossos pecados, antecipadamente expiados, golpiavam o Corpo sacrosanto da Vítima sem queixas porque só sabia amar. As nossas culpas pesavam no Coração de Jesus com todas as nossas responsabilidades; e Ele lavava na Cruz as nossas manchas que todas as lágrimas dos nossos olhos nunca

teriam apagado! «Perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem...» dizia a Vítima num rasgo de compaixão infinita; e o Pai nos perdoava porque o amor do Coração do Filho de Deus vivificava o Sangue do Filho do homem, tanta reparação, tanta efusão de misericórdia actua-se, hoje, na Missa. Sacrifício verdadeiro de Cristo, renovando o Sacrifício da Cruz, incruento no Altar da Eucaristia. É hoje o aniversário de tão grande mistério.. Diante de tamanho amor a nossa súplica seja de arrependimento; as nossas lágrimas sejam de dor na contemplação da Vítima que no mistério do Altar conserva abertas as Chagas, embora gloriosas, para repetir-nos a queixa, que não encontra eco no coração do homem «Vêde quanto vos amo...»

Porque se faz a festa cá em baixo

(Continuado na página um)

obras existentes verificamos que elas foram realizadas por várias vezes, pouco a pouco, à medida que iam crescendo as esmolas.

Aqui há um ou dois séculos atrás, a Senhora das Preces era para os povos das Beiras o que a Senhora de Fátima é hoje para Portugal inteiro e é, certamente, por essa devoção enraizada nos corações das gentes das Beiras que ainda hoje muitos

milhares de peregrinos visitam a Senhora das Preces.

A festa faz-se pois cá em baixo onde está a Senhora, mais acessível a todos e mais fácil de ser visitada, e assim a festa da Senhora das Preces tornou-se uma das maiores romarias da Beira e o Santuário mais frequentado de toda ela. Isto já era assim em 1712 como o afirma Freire Agostinho de Santa Maria.

Bilhete de Identidade PARA CASAMENTOS

Avisam-se todos os interessados, e muito especialmente as interessadas, de que devem procurar tirar o bilhete de identidade antes de se tratar dos documentos para o casamento, sobretudo se os rapazes são empregados em Lisboa, ou em qualquer outra parte.

A maior parte dos processos para casamento têm sido organizados ao abrigo do artigo 396 do Código do Registo Civil, em virtude de normalmente os nubentes ganharem até há pouco,

menos de 1.500\$00 por mês. Neste caso só eram obrigados a apresentar as cédulas pessoais.

Como o nível de vida tem subido, os ordenados são superiores a 1.500\$00 mensais.

Neste caso o processo é organizado de harmonia com o artigo 169 do Código do Registo Civil. Neste caso não tem redução de emolumentos e é obrigatória a apresentação de bilhetes de identidade antes da passagem do Certificado para o casamento.

Não se deve escrever nas notas do Banco de Portugal

Para elucidação do público, achamos oportuno transcrever o texto duma circular da Direcção-Geral da Fazenda Pública, sobre um assunto que ultimamente tem andado na berlinda, que é do seguinte teor:

Por este aviso são banidas para todos os efeitos, como retiradas da circulação, as notas da sua emissão, sobre as quais, por qualquer forma gráfica ou outra, te-

nham sido feitos desenhos, traços, números ou letras, ou escritos quaisquer dizeres, e bem assim as que apresentem, marcas de quaisquer carimbos, rasuras, furos, descolorações ou qualquer viciação.

Assim, os portadores de notas nas condições mencionadas, têm obrigatoriamente de as apresentar para troca, na sede e delegações do Banco de Portugal.

CRISTO RESSUSCITOU A L E L U I A !

(Continuado da página um)

Neste dia, alegremo-nos como os discípulos daquele tempo a que o Senhor apareceu ressuscitado e glorioso. Como não se sentiram outros, firmes na fé, após as vacilações, desânimos e dúvidas na hora do poder das trevas!

Cristo como que nasceu de novo na sua Ressurreição: a terra fria deu de novo à luz a Luz dos povos.

A ressurreição de Jesus é o fundamento da nossa Fé; é o penhor, a garantia da nossa ressurreição.

Jesus Cristo morrendo mostrou que era homem; e ressuscitando provou que era Deus.

Com a sua ressurreição Jesus confirmou toda a sua vida, toda a sua doutrina, todos os seus milagres, toda a sua obra de salvação.

Alegremo-nos, pois, porque chegou a hora da nossa redenção.